

E o genocídio da população negra... O que a nossa branquitude tem a ver com isso?¹

Paloma Silveira²

João Pedro Matos Pinto, adolescente negro, 14 anos, estudante, morreu assassinado durante uma ação policial, em maio de 2020. Estava na casa de um familiar, jogando sinuca, quando policiais, civis e federais, entraram atirando. João Pedro foi morto com um tiro, dos mais de 70 que foram disparados, em mais uma operação policial para combater o denominado crime organizado. João foi o 24^o baleado neste ano, no Rio de Janeiro; destes, 12 em situações envolvendo agentes do Estado, com cinco mortes (COELHO, 2020; G1, 2020¹). “*A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil*”, informou a campanha da Organização das Nações Unidas (ONU Brasil), em 2017 (MARQUES, 2017).

No mesmo mês, George Floyd, homem negro, 46 anos, segurança, foi assassinado nos Estados Unidos (EUA) por um policial branco. O policial se ajoelhou sobre o pescoço de George Floyd, que estava deitado no chão, imobilizado. Mesmo com as reclamações dele – “*não consigo respirar*” – o policial permaneceu ajoelhado (LABORDE, 2020^{1,2}). Floyd, preso por suspeita de fraude, morreu pela ação de um policial branco com histórico de envolvimento em episódios violentos. A maior parte das queixas, arquivada. Recebeu, sim, dois reconhecimentos pelos trabalhos prestados (BBC BRASIL, 2020).

O que estas mortes e estes cenários escancaram, mais uma vez? Que “*A Carne mais Barata do Mercado é a Carne Negra. Na Cara Dura, só Cego que Não Vê*”³. O racismo mata e vem matando há muito tempo a população negra, em diferentes partes do mundo. O genocídio é histórico, sobretudo em países cuja escravidão os constituíram. Sociedades escravocratas partilham de alguns valores e práticas semelhantes oriundos de um sistema bastante violento que tinha como

¹ Dedico este texto às minhas ancestralidades e às amigas negras e amigos negros, em especial, Nildes. Agradeço a leitura e contribuições de sempre de Emanuelle Góes, Carmen Teixeira e Jairnilson Paim.

² Mulher cis, heterossexual, reconhecida socialmente como branca, professora, psicóloga e às vezes artista. Mestre em Psicologia pela UFPE e Doutora em Saúde Coletiva pelo ISC/UFBA.

³ Trecho da música A Carne, composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Capellette. Ao longo do texto trazemos alguns trechos, com pequenas adaptações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>

pressuposição a propriedade de uma pessoa por outra (GONZALEZ, 1988; SCHWARCZ, 2019). Brasil e Estados Unidos são países grandes, que possuem realidades sociais, culturais, econômicas e históricas diversas, e distintas. Um viveu por muito tempo (ou vive?!) sob a crença falaciosa da democracia racial, o outro vivenciou o apartheid.

Não é nossa pretensão aqui debater estes aspectos e muito menos analisá-los com a profundidade que requerem. Ao conectar os dois assassinatos, queremos apresentar algumas reflexões sobre o racismo estrutural, um denominador comum aos dois países, algumas de suas expressões no contexto atual pandêmico e como nós que somos reconhecidas/os socialmente como brancas/os podemos participar/contribuir com a luta antirracista. Acatando a provocação de Angela Davis em sua célebre fala: *“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”*. Reflexões estas em processo de amadurecimento, paridas no calor das indignações diante dessa realidade atual tão brutal e perversa.

Assim, se transformam também em um convite para que venham dialogar e refletir conosco. *“Tá ligado que não é fácil, né, mano/a/e? Se liga aí”*⁴. São muitos os motivos que impõem à militância negra uma luta histórica constante contra uma realidade inaceitável, denunciando também as respostas insuficientes do Estado brasileiro, o que exige uma vigilância e um esforço permanentes de compreensão e de luta, nos diz Sueli Carneiro (2007).

O racismo costurado nos processos sócio-históricos

O Brasil foi criado a partir da invasão portuguesa e de sua colonização bastante violenta, com extermínios de diferentes povos indígenas e exploração do trabalho forçado de 5,85 milhões de escravos/as negros/as, de um total de 12,52 milhões de pessoas que foram retiradas de seus territórios, na maior diáspora da modernidade (SCHWARCZ, 2019). Transportados para cá em navios negreiros superlotados, muitos e muitas morreram, ficando nos caminhos brutais desses intercursos no Atlântico de violências e banzos. Ao chegar, açoites, estupros... em

⁴ Trecho da música A Carne.

mais de trezentos anos de escravidão⁵, cenário também de lutas e resistências (GONZALEZ, 1988). “*Que fez e faz história. Segurando esse país no braço, meu irmão/o*”⁶.

A formação histórico-cultural do Brasil não é o que a história “oficial” nos conta, composta exclusivamente pelas concepções europeias, brancas (GONZALEZ, 1988). É sim, como diz Lélia Gonzalez, *Amefricanidade* (1988):

Uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o *t* pelo *d* para, aí sim, ter o nome seu assumido com todas as letras: América Ladina (não é por acaso que a *neurose cultural* brasileira tem no *racismo* o seu sintoma por excelência). Neste contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e “pardos” do IBGE) são *ladinoamefricanos*⁷ (p.69).

Muitas riquezas foram geradas nestes mais de trezentos anos de escravidão negra. Para Florestan Fernandes, este sistema escravocrata nos deixou como maior herança, não a unificação da nação mestiça e harmoniosa como apregoa o mito da democracia racial, mas sim uma profunda desigualdade social (SCHWARCZ, 2019). A estrutura de classes brasileira, portanto, tem como base a escravidão, o racismo é estrutural.

O processo histórico dos Estados Unidos é diferente do nosso e dentro do capitalismo global contemporâneo ocupamos posições bem distintas. A admiração pelo *American Way of Life* imperialista gerou nosso “complexo de vira-latas”, que considera que tudo que vem de lá é melhor do que o nosso, ilustrando essa dinâmica de dominação, exploração e subserviência. Sem dúvidas, os povos africanos escravizados nos Estados Unidos sofreram diversas violências e também repressões por tentarem manter suas manifestações culturais, sendo, a maior parte, evangelizado/a. A Guerra de Secessão que trouxe a abolição da escravatura também trouxe a Ku Klux Kan, organização de defesa da supremacia branca; a segregação e o não direito a serem cidadãs e cidadãos (GONZALEZ, 1988).

O forte documentário “*Eu não sou seu negro*”, de Raoul Peck, indicado ao Oscar em 2017, retrata a cruel realidade dos EUA e as rebeliões e lutas constantes

⁵ Vale a pena assistir o documentário “A última abolição”, que aponta o caráter falso, “fajuto”, do ato que aboliu formalmente o sistema escravocrata no Brasil. Disponível em: https://tv escola.org.br/tve_noticias/no-dia-da-consciencia-negra-tv-escola-estreia-o-filme-a-ultima-abolicao/

⁶ Trecho da música A Carne.

⁷ Destaques do texto original.

do povo negro pelos seus direitos civis. Como convoca James Baldwin, poeta e escritor negro estadunidense, cujo livro inspirou o documentário: *“nem tudo que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado até que seja enfrentado”*. O racismo estrutural também conecta as mútuas influências entre o Brasil e os EUA nas construções de lutas e (r)existências porque foram e são trocas, e não “cópias” (DIAS, 2020). Seria a construção da *Amefricanidade* proposta por Lélia Gonzalez (1988): *“Mas mesmo assim ainda guardo o Direito de algum Antepassado da Cor. Brigar sutilmente por respeito. Brigar bravamente por respeito. Brigar por justiça e por respeito de algum Antepassado da Cor”*⁸.

Lélia Gonzalez (1988), analisando o processo de colonização do chamado Novo Mundo, constata que o racismo vai desempenhar um papel central na “internalização” da suposta superioridade do “colonizador” branco pelos colonizados, povos negros e indígenas. Identifica duas formas que utilizaram estratégias diferentes, mas que tinham o mesmo objetivo da exploração/opressão: o racismo aberto e o racismo disfarçado. Nas sociedades de origens anglo-saxônicas, germânicas e holandesas, temos o primeiro. Estabeleceram que toda pessoa é negra, se tem antepassados negros, reforçando assim as identidades raciais. Para manter a “pureza” racial e sua “superioridade” a miscigenação não seria aceita, apesar dos estupros e da exploração das mulheres negras. É o caso dos EUA.

Já o racismo disfarçado ou racismo por denegação ocorreu nas sociedades latinas, como no caso do Brasil. As sociedades ibéricas se estruturavam a partir de um padrão hierárquico rígido, em que tudo e todos/as tinham posições bem demarcados/as e estas garantiram a superioridade dos brancos, os colocando no polo dominante. Para sintetizar essas ideias, Lélia Gonzalez (1988) cita uma frase de Millôr Fernandes que diz *“no Brasil não existe racismo porque o negro reconhece seu lugar”* (73p.). Afirma que o racismo latino-americano é mais sofisticado, pois mascara a identidade racial com a produção da ideologia do branqueamento, que mantém negros/as e índios/as sob o julgo da inferioridade e da subordinação: *“E esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado”*⁹. São as máscaras brancas nas peles negras analisadas magistralmente por Frantz Fanon (2008). Essa é a nossa democracia racial.

⁸ Trecho da música A Carne.

⁹ Trecho da música A Carne.

As linhas coloniais do racismo estrutural que costuram a nomeada América em um perverso tecido social se tornam ainda mais evidentes e difíceis em momentos de crises do capitalismo. Em 2018, Angela Davis destacou em uma entrevista como “o racismo voltou a ser mais violento e explícito” (AGUILLAR, 2018). E neste 2020 pandêmico, de crises política, social, econômica e sanitária, o que temos? Mais horrores e barbáries.

Tio Patinhas e Zé Carioca: o genocídio na pandemia

Os antipresidentes¹⁰, o estadunidense e o brasileiro, Tio Patinhas e Zé Carioca¹¹, comungam de princípios, valores e práticas semelhantes. Negaram a pandemia; Tio Patinhas voltou atrás, mas o Zé Carioca ainda não papagaiou o seu ídolo. Permanecem dizendo diferentes asneiras e desdizendo, não porque sejam “loucos” ou “idiotas”, já que existem propósitos bem definidos nesta estratégia de banalização do mal e incitação do ódio. Esvaziam, constantemente, conceitos consagrados como democracia, criando um tipo de “novilíngua” a *la* 1984 de George Orwell. Ambos possuem táticas parecidas para os projetos de poder particulares e de uma extrema direita raivosa, neofascista e racista.

Brasil e Estados Unidos estão disputando o primeiro lugar nos números de infectados/as e de mortes pela Covid-19. Não vai demorar muito tempo para o Brasil ultrapassar os números dos EUA, se já não ultrapassou, pois temos uma considerável subnotificação, além do apagão de dados imposto recentemente pelo Zé Carioca (NOVAES, 2020). Dados divulgados em 10 de junho deste ano mostram que os Estados Unidos, ainda em primeiro, registraram mais de 112 mil mortes e 1.979.971 de infectados/as (COVID-19, 2020). O Brasil registrou mais de 38 mil mortes, 1.185 em 24h, e 743.047 casos confirmados (G1, 2020²). O Zé Carioca apenas lamentou e completou “é o destino de todo mundo”, ou “e daí?”. Entretanto, não é todo mundo que está morrendo e nem da mesma forma.

Uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da PUC-Rio mostra que as chances de um paciente negro e analfabeto morrer são 3,8 vezes maiores que de um paciente branco e com nível superior. As análises de quase 30 mil casos de internações pela Covid-19 apresentam números

¹⁰ Termo utilizado pela jornalista Eliane Brum.

¹¹ Personagens dos desenhos criados pela Disney.

chocantes: 62,07% dos pacientes brancos se recuperaram e 37,93% morreram; já entre os pacientes negros, há 54,78% de mortes e 45,22% de recuperados. Ao considerar apenas a escolaridade, pessoas com nível superior representavam 22% das mortes e os sem escolaridade 71,31%. A articulação das duas dimensões raça/cor e escolaridade mostra uma letalidade bem maior para negros sem escolaridade (PARAGUASSU, 2020).

Nos Estados Unidos, um estudo conduzido pelo laboratório APM Research Lab mostrou que os negros têm morrido 3 vezes mais pela Covid-19 do que os brancos. A cada 100 mil negros, aproximadamente 50 morrem da doença. Ao comparar esses números com os de outras raças verifica-se as disparidades: 20,7 brancos, 22,9 latinos e 22,7 asiáticos. Em alguns estados a realidade se torna ainda mais perversa com estatísticas que apontam que os negros têm morrido sete vezes mais, como no Kansas (UOL, 2020).

Mas... o Tio Patinhas e o Zé Carioca desacreditam as ciências e as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Para o primeiro, os tratamentos indicados seriam injeção de desinfetante ou luz solar (AGÊNCIAS, 2020), já o segundo aposta na troca frequente de ministros da Saúde e na indicação de um medicamento sem comprovação científica (G1, 2020³). Para subsidiar essas políticas genocidas, compartilham da mesma ideologia, a da extrema direita, neofascista e racista. Para eles a democracia pouco importa e o exercício da política muito menos. Criam constantemente os inimigos que justificam os problemas econômicos, sociais e sanitários, e o terrorismo de Estado que tem matado a população negra em ambos os países (SAKAMOTO, 2020¹). O inimigo da vez é o coronavírus e as medidas adotadas para o enfrentamento da pandemia.

O grupo bolsonarista “300 do Brasil” realizou um protesto em frente ao Supremo Tribunal Federal (STF) após Sara Giromini (vulgo Winter, codinome em homenagem a uma colaboracionista britânica ao nazismo, na época da segunda guerra mundial), porta-voz do grupo, passar por uma investigação da Polícia Federal. Utilizando uma estética que reflete a de atos supremacistas brancos dos Estados Unidos, com tochas acesas e máscaras, o grupo esbravejou ameaças ao ministro Alexandre de Moraes, responsável pelo inquérito das fake news, que investiga além da ativista, outros/as aliados/as de Zé Carioca (SAKAMOTO, 2020²). A simbologia supremacista branca também apareceu em uma live do Zé Carioca, ao realizar um brinde com copo de leite, para o desafio do leite. Para a antropóloga

Adriana Dias, especialista em neonazismo, “*o leite é o tempo todo referência neonazi. Tomar branco, se tornar branco. Ele vai dizer que não é, que é pelo desafio, mas é um jogo de cena, como eles sempre fazem*” (ROCHA, 2020).

Ademais, Tio Patinhas e Zé Carioca designaram o antifascismo, posição política com diferentes perspectivas, mas que têm em comum o combate a regimes autoritários (em sua maioria, de extrema direita, com culto à personalidade e racistas) como uma organização terrorista. A declaração do Tio Patinhas dada em uma rede social ocorreu em resposta às manifestações antirracistas que estão acontecendo em diferentes cidades dos EUA, desencadeadas pelo assassinato de George Floyd. O Zé Carioca como um “bom” papagaio subserviente que é replicou a postagem junto com as imagens das manifestações a favor da democracia que aconteceram na Avenida Paulista, no final de maio (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Sueli Carneiro (2007) traz em sua tese de doutorado o conceito de contrato racial do filósofo afro-americano Charles Mills, para problematizar a supremacia branca ocidental. Um sistema político que estrutura e organiza a sociedade racialmente, mas que não é nomeado dessa forma. Um Estado racial possui todo o aparato institucional e social transversalizado pela raça, que delimita explicitamente, seja pelas leis e/ou pelos costumes, o que é de brancos/as e o de não brancos/as. Nestes tipos de sociedades, o racismo estrutural e institucional impossibilita a plena realização dos princípios e fundamentos democráticos. É o que estamos vivendo.

A nossa branquitude...

A branquitude é assim um sistema de poder fundado neste contrato social. Todos/as brancos/as usufruem de seus benefícios, porém nem todos/as são signatários/as. Esta complexa realidade se evidencia também no Brasil ao constatarmos que a brancura ocupa, hegemonicamente, as instâncias de poder em seus diferentes espaços: mídias, cargos de lideranças em empresas, universidades, nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, etc (CARNEIRO, 2007). Sendo que a maior parte da população brasileira se autodeclarou negra, preta e parda, segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgados em 2019 (BARBOSA, 2019).

O mito da democracia racial fundamenta esse complexo enredo, com sua caduca história das três raças que se misturaram na harmonia de um processo colonizador atroz. O racismo por denegação, como nomeia Lélia Gonzalez (1988), ou o preconceito reativo, como denominou Florestan Fernandes, é reforçado. Opta-se por negar ao invés de reconhecer o racismo, os privilégios da branquitude, e assim poder atuar de forma diferente (SCHWARZ, 2019). A conhecida expressão que dizemos e/ou ouvimos – *“mas eu não sou racista”* –, apesar da realidade nos mostrar cotidianamente o oposto. Quem é *“que vai de graça pro presídio e para debaixo do plástico. E vai de graça pro subemprego e pros hospitais psiquiátricos”*¹²? Quem? Do total de mortos pela polícia nos anos de 2017 e 2018, 75,4% eram pessoas negras (SAKAMOTO, 2020²). E...

Segundo uma pesquisa realizada pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e pelo Senado Federal, 56% da população brasileira concorda com a afirmação de que *“a morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte de um jovem branco”* (MARQUES, 2017).

É a biopolítica racista que permite ao Estado brasileiro determinar quem vive e quem morre (CARNEIRO, 2007), a necropolítica em ação, como analisa Achille Mbembe. E nós? *“Hey branquitude, o que você está fazendo para acabar com o racismo que você mesma criou?”*, provoca Ana Cláudia Claudino (2019). Diferentes intelectuais estudaram a branquitude no Brasil e nos Estados Unidos, tendo como objetivo central suprir uma lacuna do conhecimento sobre os estudos raciais. Estes tinham como foco o/a negro/a, o que auxiliou a naturalizar a ideia de que quem tem raça é apenas o/a negro/a, como se o/a branco/a não fosse também uma categoria racial inventada no processo histórico de colonização do Novo Mundo e construção da modernidade (SCHUCMAN, 2012).

A branquitude começou a ser criada como um constructo ideológico de poder, em que os denominados como brancos tornam sua identidade racial norma e padrão, e os outros grupos são situados em posições inferiores e de subalternidades. As culturas nacionais e as identidades brancas e não brancas são dinâmicas, sendo recriadas, ressignificadas e redefinidas dentro desse processo histórico. As desigualdades raciais são assim atualizadas, tendo em sua base o

¹² Trecho da música A Carne.

racismo. Nesta perspectiva, ser branco/a e ocupar o lugar simbólico da branquitude não é algo apenas determinado por aspectos genéticos, mas também por posições e lugares sócio-culturais que os/as sujeitos/as ocupam, construídas a partir desses processos políticos e históricos. A branquitude no Brasil produz desigualdades profundas entre as pessoas brancas e não brancas, já que as primeiras são/foram privilegiadas ao acessar diferentes recursos materiais e simbólicos desde a colonização até os dias atuais. Os/as brancos/as, conscientes ou inconscientemente, acabam reproduzindo esta estrutura racista (SCHUCMAN, 2012).

Por uma sociedade antirracista!

Ana Cláudia Claudino (2019) apresenta, baseando-se no livro de Djamila Ribeiro (Pequeno Manual Antirracista, 2019), algumas ações/reflexões que podemos e devemos realizar, se queremos assumir nossas responsabilidades na luta antirracista e repensarmos nossa branquitude: *Informe-se sobre o racismo, Enxergue a negritude, Reconheça os privilégios da branquitude, Perceba o racismo internalizado em você, Apoie políticas educacionais afirmativas, Transforme seu ambiente de trabalho, Leia autores/as negros/as, Questione a cultura que você acessa e consome, Conheça seus desejos e afetos, Combata a violência racial e Convide todas as pessoas para contribuírem com a luta antirracista*. Dialogando com elas, compartilhamos aqui algumas reflexões/ações.

O reconhecimento do racismo estrutural e institucional ocorreu com as leituras sobre outras versões da história do Brasil e os diálogos com mulheres negras. Cabe ressaltar que uma indignação constante com as injustiças sociais e raciais se fez/faz presente. A partir disso, o surgimento de vários questionamentos, sendo o primeiro: *Onde está o meu/nosso racismo?*. O processo é também individual, afinal nossas subjetividades são construídas dentro desse racismo estrutural e institucional (GONZALEZ, 1988; FANON, 2008). Por isso, os questionamentos não podem ser realizados de forma superficial, que favoreçam o racismo “à brasileira”, reativo. Aquele que desloca para os/as outros/as e para um passado longínquo o racismo, não articulando-o ao presente e a projeções para o futuro. São necessárias abertura, empatia, profundidade e uma constante reflexividade.

Algumas constatações: sabe aquela pessoa, em geral negra, que faz os serviços domésticos para a gente? Atualizações do Brasil colonial. Mas... ela não é nossa escrava e sim uma trabalhadora, que deve ter os seus direitos garantidos. Por trabalhar para você em sua casa, isso não significa que ela seja inferior a você. Isso também se relaciona aos garçons, garçonetes, os/as profissionais de limpeza dos shoppings, serviços de saúde, universidades, etc. Se você se esforçar e olhar um pouco ao seu redor, notará que a maior parte dos/as moradores/as das periferias de capitais, como em Salvador, é negra. Por que será? Efeitos do racismo e de uma abolição fajuta. E as expressões que usamos – “a coisa tá preta”, “denegrir”, “mulata”, “criado mudo”, “mercado negro”, “baiano/a, baianada, paraíba” (para os nossos/as sudestinos), etc? Busca no Google suas origens e constatará o racismo. E a estética do cabelo alisado, a sexualização de mulheres e homens negros/as, os sempre suspeitos, as interrupções de fala... Também... Também...

Uma vez identificadas as diferentes formas de racismo, ficará mais fácil reconhecer os privilégios, materiais e simbólicos, que a branquitude proporciona na ocupação de espaços sociais de poder, sejam eles culturais, econômicos, acadêmicos, de fala, estéticos, religiosos, etc. É retirar o véu ideológico do branqueamento, que além de apagar e/ou minimizar a importância da contribuição negra, também utiliza classificações eurocêntricas para diminuir/negativar as diferentes expressões artísticas, religiosas, dentre outras (GONZALEZ, 1988), quando não se apropria. Ler autores/as negros/as, os/as intelectuais e a literatura/poesia, é um bom começo.

Buscar dialogar com as pessoas negras de diferentes maneiras, exercitando diferentes escutas por meio do cinema, da literatura, da música, das artes plásticas, teatro, etc. As artes brasileiras e a negritude possuem relações profundas, e as artes sempre nos salvam. Valorizar e usar a produção das pessoas negras, dando vozes, ampliando-as na academia e em outros lugares de produção do conhecimento como, por exemplo, os terreiros de candomblé. Existem muitas sabedorias e saberes que são negligenciados e invisibilizados por uma intelectualidade que teima em ainda ser eurocêntrica, colonizada e colonizante. Parar de realizar os diferentes epistemicídios (CARNEIRO, 2007). Também silencie e escute atentamente quando uma pessoa negra falar, sobretudo se ela for mulher. Vivemos em um país racista e sexista. Compartilhar esse processo com sua família, amigos/as, colegas e amores/as, também é importante, não se omite.

Colocar-se ao lado delas e deles em sua luta, o que significa acolher suas dores, colocar o “*Corpo em seu Mundo*”¹³ e “*Brigar, Brigar, Brigar*”¹⁴, para além das redes sociais. O processo é difícil e “*Ninguém nos disse que seria fácil. Segura a onda da na cara e continuar. Não deixe que tentem te colonizar*”¹⁵ de novo, não é mais possível. As diferentes manifestações que aconteceram recentemente no Brasil e nos EUA, nas redes sociais e nas ruas, nos dizem isso e são bons exemplos de como podemos nos implicar, e nos colocar frente às diferentes barbáries que têm como o alvo de sempre o povo negro¹⁶.

VIDAS NEGRAS IMPORTAM!!!

Mudanças profundas que envolvem nossas subjetividades constituídas e constituintes dentro desse racismo estrutural e institucional, têm promovido situações abomináveis, como o exemplo emblemático mais atual, da morte de Miguel, criança negra de 5 anos. Apesar da pandemia, a mãe de Miguel, Mirtes Renata de Souza, continuou trabalhando como empregada doméstica na “casa grande” de Sarí Corte Real e Sérgio Hacker. Levou seu filho Miguel para o trabalho e ao levar o cachorro da “sinhá” para passear, deixou Miguel aos cuidados da mesma. Miguel estava sentindo falta da mãe e queria vê-la, foi até o elevador de serviço duas vezes. Por sua vez, a “sinhá” não acolheu a criança, não a retirou do elevador, ao contrário, apertou botões. Miguel, perdido, foi parar no 9º andar, caiu, morreu. A “sinhá” pagou uma fiança de 20 mil reais e está em liberdade. Mirtes, em sua dor dilacerante, desabafou: “*Se fosse o contrário, não teria direito de fiança*” (CATRACA LIVRE, 2020). É esta realidade intolerável que estamos vivendo, há muito tempo.

¹³Parafrazeando o nome da bela música de Luedji Luna: Um corpo no mundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>

¹⁴ Trecho da música A Carne.

¹⁵ Trecho da potente música Descolonizada, composta por Larissa Luz e Pedro Itan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cF-cGutTFmg>

¹⁶ Sugerimos a leitura de dois textos: Fogo nos racistas? O que o Brasil precisa aprender com os protestos nos EUA. Disponível em: https://catarininas.info/fogo-nos-racistas-o-que-o-brasil-precisa-aprender-com-os-protestos-feitos-pelos-negros-nos-eua/?fbclid=IwAR0PDsghRaaGQxk4A7_iBvhhAThXQEEJSkESaYSFonutEvCTKtsmQBzZua0

Não somos ‘baratas’! Vidas negras importam! Black lives matter! Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/nao-somos-baratas-vidas-negras-importam-black-lives-matter/?fbclid=IwAR18--vM8X4os09JZNwHqgm3JrbPnA4QIJFrPhJmV04iO65luSzwideDfgc>

Então, temos esse racismo “à brasileira” e os privilégios de nossa branquitude responsáveis por essas diferentes barbáries. Não é nesta sociedade que queremos continuar a viver. E **VOCÊS?** Finalizamos nossas inconclusas reflexões em curso com a letra da música central que deu o tom à produção deste texto. Música cantada e interpretada magistralmente por Elza Soares e que é *uma faca só lâmina*, como diria João Cabral de Melo Neto¹⁷:

A CARNE

Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Capellette

*A carne mais barata do mercado é a carne negra
Tá ligado que não é fácil, né, mano?
Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Só-só cego não vê
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Dizem por aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra que não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador eleito
Mas muito bem intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (Pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Na cara dura, só cego que não vê
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano
Negra, negra
Carne negra*

¹⁷Fala poética de Carmen ao escutar a música, pela primeira vez.

*É mano, pode acreditar
A carne negra*

Referências

AGÊNCIAS. **Trump sugere tratar coronavírus com “injeção de desinfetante” ou com luz solar.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-24/trump-sugere-tratar-o-coronavirus-com-uma-injecao-de-desinfetante-ou-com-luz-solar.html> Acesso: 03 jun 2020.

AGUILLAR, Andrea. **Angela Davis: “O racismo voltou a ser mais violento e explícito”.** 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/25/cultura/1540468443_420474.html?rel=mas Acesso em: 02 jun 2020.

BARBOSA, Bernardo. **Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país, diz IBGE.** 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/22/ibge-em-todas-as-regioes-mais-brasileiros-se-declaram-pretos.htm> Acesso em: 01 jun 2020.

BBC BRASIL. **Caso George Floyd: quem é o policial preso pela morte de homem negro que causa revolta nos EUA.** 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52857371> Acesso em: 31 mai 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio.** 2007. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/> Acesso em: 01 jun 2020.

CATRACA LIVRE. **‘Se fosse o contrário, não teria direito de fiança’, diz mãe de Miguel.** 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/se-fosse-o-contrario-nao-teria-direito-de-fianca-diz-mae-de-miguel/> Acesso em: 05 jun 2020.

CLAUDINO, Ana Claudia. **Hey branquitude, o que você está fazendo para acabar com o racismo que você mesma criou?** Disponível em: <https://midianinja.org/anaclaudino/hey-branquitude-o-que-voce-esta-fazendo-para-acabar-com-o-racismo-que-voce-mesma-criou/> Acesso em: 03 jun 2020.

COELHO, Leonardo. **João Pedro, 14 anos, morre durante ação policial no Rio, e família fica horas sem saber seu paradeiro.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-19/jovem-de-14-anos-e-morto-durante-acao-policial-no-rio-e-familia-fica-horas-sem-saber-seu-paradeiro.html> Acesso em: 31 mai 2020.

COVID-19 **Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU).** 2020. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6> Acesso em: 10 jun 2020.

DIAS, Aline. **Fogo nos racistas? O que o Brasil precisa aprender com os protestos nos EUA.** 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/fogo-nos-racistas-o-que-o-brasil-precisa-aprender-com-os-protestos-feitos-pelos-negros-nos-eua/?fbclid=IwAR2mL4rSyFzCaUH2xkv6wnhMrOM8phsWwflOOwMRWN1hDExP2BR4L8GO8BE> Acesso em: 31 mai 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador : EDUFBA, 2008.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Trump diz que vai designar antifascistas como 'organização terrorista'.** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/trump-diz-que-vai-designar-antifascistas-como-organizacao-terrorista.shtml> Acesso em: 03 jun 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria política-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

G1. **João Pedro mandou mensagem para mãe momentos antes de ser baleado: 'Estou dentro de casa. Calma'.** 2020¹. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/joao-pedro-mandou-mensagem-para-mae-momentos-antes-de-ser-baleado-estou-dentro-de-casa-calma.ghtml> Acesso em: 07 jun 2020.

G1. **Brasil tem 38.543 mortes por Covid, aponta consórcio de veículos de imprensa (atualização das 8h).** 2020². Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/10/brasil-tem-38543-mortes-por-covid-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-atualizacao-das-8h.ghtml> Acesso em: 10 jun 2020.

G1. **Assim como Teich, Mandetta caiu após discordar de Bolsonaro sobre cloroquina e isolamento.** 2020³. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/mandetta-tambem-caiu-apos-discordancias-com-o-presidente-sobre-cloroquina-e-isolamento-vertical.ghtml> Acesso em: 03 jun 2020.

LABORDE, Antonia. **Minneapolis declara estado de emergência por protestos contra o racismo policial.** 2020¹. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-29/minneapolis-declara-estado-de-emergencia-por-protestos-contra-o-racismo-policial.html> Acesso em: 31 mai 2020.

LABORDE, Antonia. **Protestos contra morte de homem negro nas mãos de policial branco se espalham pelos Estados Unidos.** 2020². Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-29/protestos-contra-morte-de-afro-americano-nas-maos-da-policia-se-espalham-pelos-estados-unidos.html> Acesso em: 31 mai 2020.

MARQUES, Marília. **'A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil', diz ONU ao lançar campanha contra violência.** 2017. Disponível: https://www.geledes.org.br/cada-23-minutos-um-jovem-negro-morre-no-brasil-diz-onu-ao-lancar-campanha-contra-violencia/?gclid=CjwKCAjwq832BRA5EiwACvCWsdH8BVwEN9neSDgPC7UJN_W4mkr06UnMS9QAt02kJff_1Jgj-wN5HBoCytQQA vD_BwE Acesso em: 31 mai 2020.

NOVAES, Marina. **Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html> Acesso em: 06 jun 2020.

PARAGUASSU, Lisandra. **Negros sem escolaridade têm 4 vezes mais chances de morrer por Covid-19 no Brasil, mostra estudo.** 2020. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRKBN2332I3-OBRDN?fbclid=IwAR1vzvBfKHR4WAvxTkL2QDPfWc6EvERvKGVVbz82S7I8vLXdFE-fKRc5OFM> Acesso em: 03 jun 2020.

ROCHA, Lucas. **Copo de leite: Bolsonaro usa símbolo nazista de supremacia racial em live.** 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/copo-de-leite-bolsonaro-usa-simbolo-nazista-de-supremacia-racial-em-live/> Acesso em: 03 jun 2020.

SAKAMOTO, Leonardo. **Campeões da covid, Trump e Bolsonaro têm tempo para perseguir manifestantes.** 2020¹. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/31/campeoes-da-covid-trump-e-bolsonaro-tem-tempo-para-perseguir-antifascistas.htm?fbclid=IwAR2axEjCk3rtgr9X9sygrlt5V-rX7x8awtjwQ7N7MriYZ41_KqrQYpoc0Mc Acesso em: 03 jun 2020.

SAKAMOTO, Leonardo. **Nos EUA, protestos contra o racismo. No Brasil, um ato com tochas acesas.** 2020². Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/31/nos-eua-protestos-contra-o-racismo-no-brasil-um-ato-com-tochas-acesas.htm> Acesso em: 03 jun 2020.

SCHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.160 f.

UOL, São Paulo. **Nos EUA, coronavírus mata três vezes mais negros do que brancos.** 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/05/21/nos-eua-coronavirus-mata-tres-vezes-mais-negros-do-que-brancos.htm> Acesso em: 03 jun 2020.